



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

KAROLYNE SANTIAGO FARIAS

INVENTÁRIO BOTÂNICO AFETIVO: reflexões a partir da produção de antotipia

Caruaru
2025

KAROLYNE SANTIAGO FARIAS

INVENTÁRIO BOTÂNICO AFETIVO: reflexões a partir da produção de antotipia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Área de concentração: Estética.

Orientador (a): Prof^o. Dr. Daniela Nery Bracchi

Caruaru

2025

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à UFPE e, por mais clichê que possa parecer, eu não poderia deixar de expressar minha gratidão a esta instituição. É realmente uma ferramenta de ensino público de extrema importância. Aqui, tive oportunidades de aprendizado que nenhum outro lugar poderia me proporcionar. Sou grata pela oportunidade de realizar minha graduação, que só foi possível graças à bolsa de assistência estudantil da PROAES.

Sou imensamente grata à professora e minha orientadora, Dani Bracchi, por ter aberto para mim as portas do Fotolab e um portal para o universo da fotografia. O estágio no laboratório foi a experiência mais marcante da minha vida; gosto de dizer que foi aqui que, de fato, começou minha graduação. Obrigada, Dani, por aceitar ser minha orientadora, por toda paciência durante esse processo, por todo conhecimento compartilhado comigo e por sempre apoiar o Tipia Coletivo. Você é uma pessoa incrível!

Agradeço também à professora Juliana Leitão por ter me acompanhado por grande parte dessa jornada fotográfica.

Ao meu pai, Marcos Antonio; às minhas grandes amigas, Cláudia Lima, Dani Leite, Izabel Lemos, Jota Estelar, Manu Santiago e Ramona Silva, meus mais sinceros sentimentos de gratidão por serem grandes companhias nos momentos difíceis. Vocês foram os pilares que me mantiveram de pé todo esse tempo.

Reconheço todo meu esforço para chegar até aqui, mas nunca estive sozinha em minha caminhada. Eu gostaria de listar o nome de todas e todos que trocaram boas energias comigo durante essa aventura, mas isso tomaria mais que uma folha. Para os professores, amigos e colegas de trabalho, emana boas vibrações para todas e todos. Vocês contribuíram fortemente nesta etapa da minha vida.

Inventário botânico afetivo: reflexões a partir da produção de antotipia

Affective botanical inventory: reflections based on the production of anthotypes

Karolyne Santiago Farias¹

RESUMO

O projeto *Inventário Botânico Afetivo* mergulha no universo da antotipia, uma técnica fotográfica ancestral que utiliza pigmentos naturais extraídos de plantas para criar imagens únicas e sensíveis. Através de uma minuciosa pesquisa e experimentação, o projeto busca resgatar essa técnica e explorar seu potencial artístico e ecológico.

Utilizando a rica vegetação da cidade de Caruaru, no Agreste Pernambucano, como fonte de pigmentos naturais, o projeto resultou em um acervo de fotografias que documentam a diversidade da flora local e as possibilidades expressivas da antotipia. Cada imagem é um registro da interação entre a luz, a planta e o papel, revelando a singularidade de cada espécie e a beleza intrínseca da natureza.

Além de seu valor estético, o projeto propõe uma reflexão sobre nossa relação com o meio ambiente. Ao utilizar recursos naturais e promover uma produção fotográfica mais sustentável, o projeto contribui para a valorização da biodiversidade e incentiva a busca por alternativas mais ecológicas na produção artística. A metodologia do projeto se ancora na A/r/tografia, que propõe a interconexão entre arte, pesquisa e ensino de forma dinâmica e também subjetiva. As etapas de desenvolvimento envolveram uma imersão teórica na história da antotipia, a coleta e experimentação com diferentes espécies de plantas e a construção de um acervo fotográfico com imagens impressas através da técnica e informações sobre cada espécie.

Palavras-chave: antotipia; fotografia; processos fotográficos alternativos; sustentabilidade.

¹ Graduando em Design pela Universidade Federal de Pernambuco Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: karolyne.santiago@ufpe.br

ABSTRACT

The *Affective Botanical Inventory* project delves into the world of anotype, an ancient photographic technique that uses natural pigments extracted from plants to create unique and delicate images. Through meticulous research and experimentation, the project seeks to revive this technique and explore its artistic and ecological potential. Utilizing the rich vegetation of Caruaru, a city in the Agreste region of Pernambuco, Brazil, as a source of natural pigments, the project resulted in a collection of photographs that document the diversity of local flora and the expressive possibilities of anotype. Each image is a record of the interaction between light, plant, and paper, revealing the uniqueness of each species and the intrinsic beauty of nature. Beyond its aesthetic value, the project proposes a reflection on our relationship with the environment. By using natural resources and promoting a more sustainable photographic production, the project contributes to the valorization of biodiversity and encourages the search for more ecological alternatives in artistic production. The project's methodology is anchored in Artography, which proposes the interconnection between art, research, and teaching in a dynamic and subjective way. The development stages involved a theoretical immersion in the history of anotype, the collection and experimentation with different plant species, and the construction of a photographic collection with images printed using the technique and information about each species.

Keywords: anotype; photography; alternative photographic processes; sustainability.

DATA DE APROVAÇÃO: 12 de agosto de 2025

1 INTRODUÇÃO

O projeto *Inventário Botânico Afetivo* surge como um elo entre o passado e o presente, resgatando a antotipia, uma técnica fotográfica artesanal que utiliza a riqueza dos pigmentos naturais extraídos de plantas para criar imagens que transcendem o visual. Neste trabalho, embarcamos em uma jornada de 5 meses, de agosto de 2024 a janeiro de 2025, onde a técnica da antotipia se revela como um portal para a (re)descoberta da natureza.

O ponto de partida foi por meio de uma imersão teórica na história e nos fundamentos da antotipia, desvendando os segredos por trás dessa alquimia entre a luz do sol e os pigmentos. Em seguida, o projeto nos convidou a explorar a diversidade da flora Caruaruense, coletando plantas e extraíndo seus pigmentos. Cada folha, flor, fruta ou raiz se transformou em matéria-prima fotossensível, revelando tonalidades e texturas únicas. Foram feitos testes de tempo de exposição ao sol, testes com diferentes tipos de papéis como suporte, a produção das imagens que compõem o inventário e por último, a etapa editorial do projeto. A cada imagem revelada, um novo capítulo da história da planta se desdobrava, convidando-nos a refletir sobre nossa relação com o meio ambiente.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo geral discutir criticamente as possibilidades estéticas das imagens em antotipia a partir da produção de um inventário botânico realizado com fotografias antotípicas. De modo mais específico, busca-se também promover o resgate histórico da antotipia.. Além disso, dispomos informações sobre os aspectos técnicos da utilização de pigmentos naturais e suas aplicações na fotografia. Preocupamo-nos, ainda, em realizar uma discussão crítica sobre a relação estética e temática das imagens fotográficas produzidas no inventário afetivo.

2 ANTOTIPIA: O RESGATE DO PROCESSO HISTÓRICO E CONEXÃO COM A NATUREZA

Este projeto representa um resgate cultural e histórico da antotipia, um processo artesanal que utiliza pigmentos naturais como material fotossensível para a produção de imagens fotográficas. Essa técnica, descoberta pelo cientista e astrônomo inglês John Herschel em meados do século XIX, foi aprofundada nos seus aspectos fotoquímicos pela cientista e escritora escocesa Mary Somerville. Esse conhecimento tradicional oferece uma conexão tangível com o passado, promove a apreciação de métodos de criação que preexistem à industrialização moderna e apresenta alternativas acessíveis e de baixo impacto ambiental em

processos artísticos.

A técnica da Antotipia também promove a inovação e a experimentação no campo das artes e da ciência dos materiais. Ao explorar as propriedades únicas dos pigmentos naturais, artistas e pesquisadores podem desenvolver novas formas de expressão e descobrir combinações inéditas de cores e texturas. Isso não só amplia o repertório técnico dos criadores, mas também pode inspirar novas tendências e abordagens no design e na estética.

No campo da pesquisa, o estudo aprofundado da Antotipia possibilitará que pesquisadores tenham acesso a informações mais concretas a respeito da técnica, tendo em vista que ela é pouco explorada, principalmente no Brasil.

Na fotografia, a Antotipia oferece uma abordagem única e artesanal à impressão fotográfica, contrastando com os métodos digitais predominantes. Essa técnica não apenas enriquece a estética das imagens, mas também proporciona um caráter distintivo e pessoal a cada obra, além de promover uma conexão mais profunda com a natureza e o meio ambiente. Ao utilizar pigmentos naturais e evitar produtos químicos sintéticos, a técnica se alinha com práticas ecológicas e sustentáveis.

No fazer artístico, a Antotipia também estimula a experimentação e a criatividade. Cada pigmento natural reage de maneira única à exposição à luz e ao processo de impressão, permitindo explorar uma vasta gama de texturas, tonalidades e efeitos visuais. Esse potencial criativo pode resultar em trabalhos inovadores que se destacam pela originalidade e pela qualidade tátil das imagens, além de oferecer uma experiência sensorial que vai além da simples visualização digital.

De maneira geral, em um contexto em que a sustentabilidade é uma preocupação crescente, adotar métodos que minimizem o impacto ambiental é um passo importante para a responsabilidade ecológica. Portanto, projetos que incorporam a Antotipia não apenas valorizam um legado cultural e promovem a sustentabilidade, mas também impulsionam a criatividade e a inovação, proporcionando aos artistas a oportunidade de conectar o passado e o presente, resgatando métodos históricos e integrando-os com as práticas contemporâneas. Essa fusão de tradição e inovação não só enriquece a narrativa visual de futuros projetos, mas também celebra a evolução da fotografia, enquanto reconhece e valoriza os processos antigos.

3 METODOLOGIA: A A/R/TOGRAFIA COMO CAMINHO PARA A CRIAÇÃO

A A/r/tografia foi escolhida como metodologia por permitir uma abordagem mais subjetiva

e sensível ao objeto de estudo. Ao se tornar parte integrante do processo, o pesquisador transcende os limites da objetividade, enriquecendo a análise dos dados e possibilitando uma articulação mais profunda entre diferentes áreas do conhecimento (Dias; Irwin, 2023).

Por ser um processo de pesquisa dinâmico e criativo, a a/r/tografia valoriza a originalidade e a experimentação, diferindo das pesquisas tradicionais. Essa metodologia oferece diversas possibilidades de compartilhamento, com o objetivo de comunicar as descobertas de forma inovadora e inspiradora. A intenção é que o público se conecte com a pesquisa de forma mais profunda e significativa, por meio de obras de arte e textos que não apenas transmitem informações, mas também provoquem reflexões e emoções.

Para tanto, o trabalho seguiu etapas de maneira intuitiva e adaptativa, de acordo com as necessidades que surgiam ao longo da pesquisa. As etapas foram as seguintes:

1. Imersão teórica no tema de pesquisa, na qual buscou-se conhecer de forma aprofundada não só o processo histórico da Antotipia, mas também referências acadêmicas e teóricas sobre o colecionismo no âmbito da arte.
2. Experimentação prática da técnica de Antotipia utilizando a vegetação local como matéria-prima.
3. Análise e interpretação dos resultados do processo de experimentação em formato de relato de experiência a/r/tográfica. Ao decorrer do texto, o leitor encontrará reflexões pessoais da autora a respeito das escolhas feitas, do processo criativo, das dificuldades encontradas e das aprendizagens obtidas.
4. Produção do *Inventário Botânico Afetivo* com fotografias da vegetação local, impressas em Antotipia, como resultado da pesquisa.

4 IMERSÃO TEÓRICA

Com o intuito de aprofundar o entendimento sobre a Antotipia, foi realizada uma imersão teórica em livros, artigos acadêmicos e cursos online. A pesquisa evidenciou uma carência significativa de referências sobre a técnica, sobretudo em língua portuguesa. Apesar das limitações e barreiras linguísticas, o estudo proporcionou um conhecimento relevante sobre a antotipia, desde suas origens históricas até as discussões contemporâneas sobre a prática fotográfica.

Há uma lacuna intrigante na prática da Antotipia no Brasil, o que nos leva a refletir sobre as potencialidades fotossensíveis de nossa flora para a criação de imagens fotográficas. É

como se estivéssemos diante de um tesouro escondido, mas ainda nos guiando por referências e pistas predominantemente europeias, enquanto um espectro de cores e possibilidades inusitadas aguarda ser descoberto em nosso próprio território.

Essa perspectiva nos remete à provocação de Aurora Narmada Sugasti (2018) em seu artigo *ANTOTIPIA: Pesquisa e produção em processos fotográficos histórico-alternativos*. A autora ressalta que a antotipia transcende a mera técnica fotográfica; ela encarna a beleza do orgânico, a responsabilidade da sustentabilidade e a singularidade do artesanal. Ao sublinhar a urgência de investigar e catalogar as plantas nativas, Sugasti (2018) nos lança um desafio instigante: desvendar os segredos que a natureza brasileira guarda para a formação de imagens. Essa busca não se limita à descoberta de novas cores e tonalidades para a fotografia, mas se estende à valorização da nossa biodiversidade e à pavimentação de caminhos para práticas fotográficas mais alinhadas com a preservação ambiental. Sob essa ótica, a Antotipia emerge como um elo fascinante entre arte, ciência e natureza (Sugasti, 2018).

Os processos artesanais e as manualidades nos revelam o valor da pausa e da observação atenta no fazer criativo, especialmente no que tange à fotografia. Essa abordagem nos permite ir além da simples captura de imagens automatizadas, instigando uma apreciação mais profunda da beleza e da complexidade inerente à natureza. As plantas, nesse contexto, transcendem sua função de meros organismos biológicos; elas se revelam como elementos intrínsecos à história das sociedades humanas, moldando aspectos que vão da saúde e do bem-estar à expressão artística e cultural.

Nesse sentido, a obra *Anthotypes - Explore the Darkroom in Your Garden and Make Photographs Using Plants*, de Malin Fabbri (2012), oferece um arcabouço valioso para enxergar as conexões profundas entre a natureza e a existência humana, ressaltando a indispensabilidade das plantas em diversos domínios da experiência humana e reforçando a ideia de que a natureza não é apenas um pano de fundo, mas um ator central em nossa própria história.

Historicamente, a versatilidade das plantas é notável, demonstrando sua aplicabilidade em diversas esferas da vida cotidiana, como corantes naturais para tingir tecidos, adornar o corpo e enriquecer a culinária. As propriedades medicinais das plantas são reconhecidas e aplicadas desde tempos imemoriais, com evidências que sugerem seu uso por Neandertais há mais de 60 mil anos, sublinhando a antiguidade dessa relação terapêutica. No âmbito ritualístico e cerimonial, flores e plantas desempenharam um papel fundamental em funerais e celebrações em culturas milenares, como no Egito Antigo, evidenciando seu significado simbólico e

espiritual. Além disso, o uso de plantas como o cártamo e a gardênia na produção de cosméticos, incluindo tintas para tatuagens e maquiagens, por sociedades como a japonesa, demonstra a amplitude de sua utilização em práticas estéticas e sociais (Fabbri, 2012).

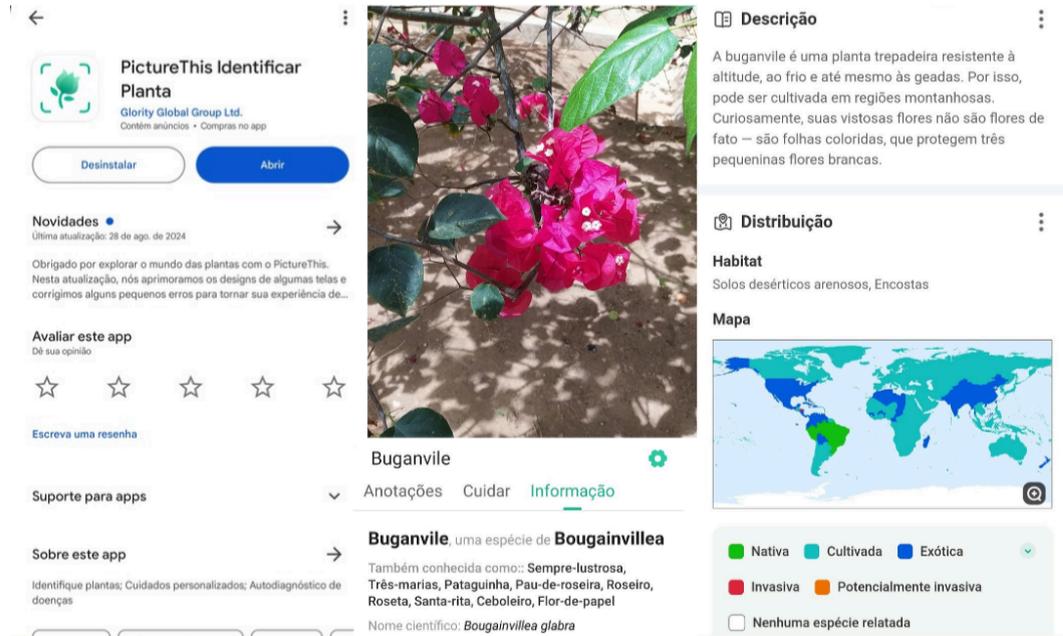
A Antotipia tem se revelado uma alternativa expressiva e contemporânea aos processos fotográficos convencionais, representando um retorno às raízes naturais e experimentais da fotografia. Essa percepção é corroborada por Christopher James em sua obra *The Book of Alternative Photographic Processes* (2015), onde ele observa a crescente adesão de artistas a essa técnica.

A análise de James sobre a antotipia ressalta a importância das contribuições de precursores como John Herschel, Mary Somerville e Henri Vogel, cujas pesquisas em física óptica e química foram cruciais para compreender a interação entre pigmentos e a radiação ultravioleta. Em sua obra, James discute a degradação dos pigmentos ao longo do tempo, a variável crítica do tempo de exposição, e a influência de outros fatores determinantes para os resultados visuais da Antotipia. Entre esses fatores, destacam-se a frescura e o potencial colorante de cada vegetal utilizado, a intensidade da luz solar como fonte de energia, e a acidez do substrato de papel, evidenciando que a antotipia não se restringe à sua dimensão artística, mas aprofunda-se em aspectos técnicos e científicos fundamentais (James, 2015).

5 COLETAS E TESTES

Após uma imersão teórica sobre a Antotipia, iniciamos a etapa de coletas e testes no Laboratório de Fotografia do Agreste (Fotolab), nos últimos dias de agosto, estendendo-se até o final de outubro de 2024. As primeiras espécies coletadas foram Buganville, Boldo-Gambá e Trapoeraba-Roxa. A escolha dessas plantas se deu por estarem presentes no meu dia a dia no Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA), em locais que costumo frequentar na cidade de Caruaru e por suas características visuais, como as cores vibrantes e texturas das folhas. Para identificar as espécies, utilizei o aplicativo “Picture This” (figura 1).

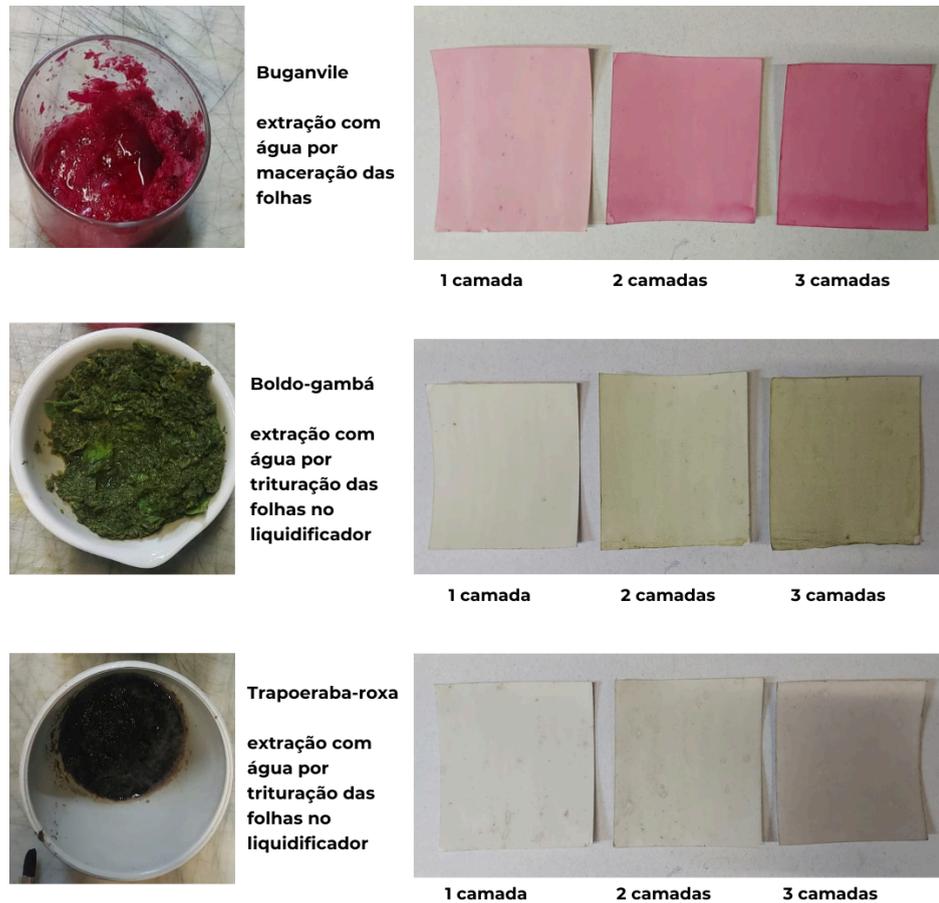
Figura 1 - Prints da tela do aplicativo “Picture This Identificar Planta”.



Fonte: elaborado pela autora.

Com base nas pesquisas realizadas, soube-se que a água, de preferência filtrada, ou o álcool eram comumente utilizados para extrair os pigmentos, podendo resultar em diferentes tonalidades dependendo da espécie (Almeida, 2024). Foram realizados testes de intensidade de cores, aplicando 1, 2 e 3 camadas dos pigmentos (figura 2), e testes de tempo de exposição ao sol.

Figura 2 - Extração dos pigmentos e aplicação das camadas.



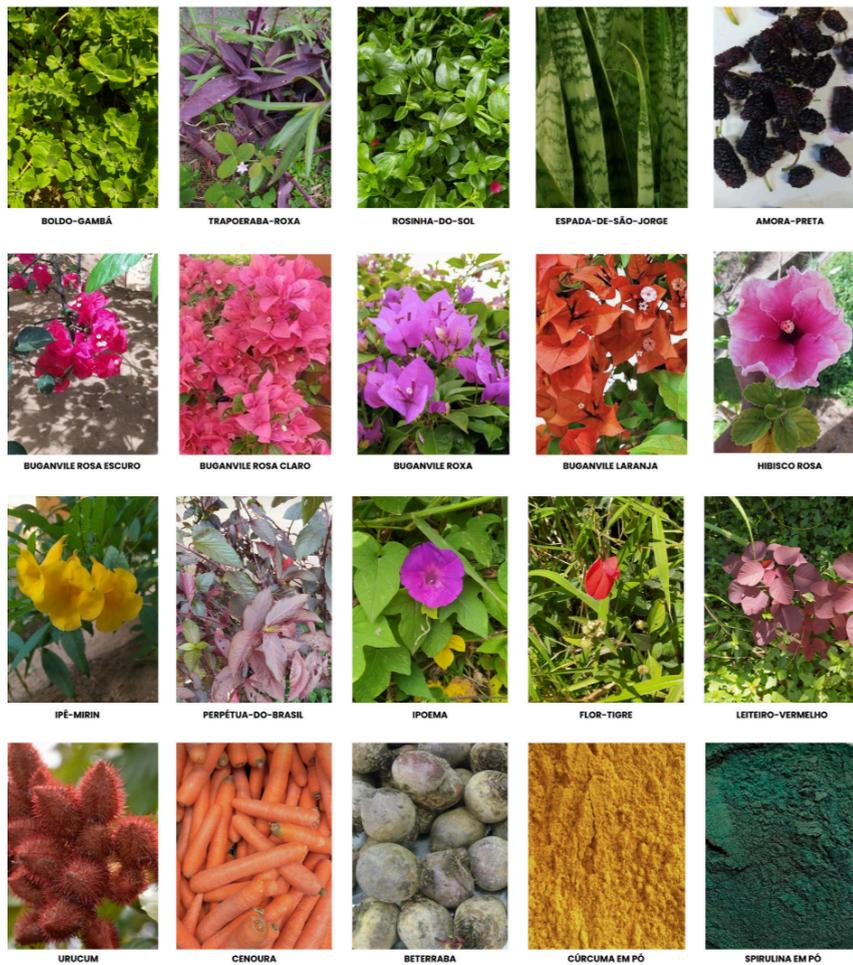
Fonte: elaborado pela autora.

Os primeiros testes não apresentaram resultados satisfatórios, pois não mostraram muita nitidez e contraste, em alguns não sendo possível nem visualizar a imagem. Diante das inquietações surgidas durante o processo, foi agendada uma reunião estratégica com Daniela Bracchi, orientadora pedagógica, e Cláudia Lima (2017), pesquisadora em Antotipia e outros processos fotográficos históricos. O objetivo principal do encontro era discutir os resultados iniciais obtidos e delinear os próximos passos para o aprimoramento do processo. As orientações recebidas durante essa reunião foram de suma importância, impactando significativamente nos próximos resultados.

As próximas espécies coletadas foram: Ipê-Mirim amarelo, Perpétua-do-Brasil, Hibisco

rosa, Buganville nas cores roxa, laranja e rosa claro, Espada-de-São-Jorge, Amora-Preta, Urucum (todas coletadas no Campus CAA), Ipoema, Flor-Tigre, Leiteiro-Vermelho (coletadas no parque natural Serra dos Cavalos, zona rural de Caruaru-PE), Cenoura, Beterraba, Cúrcuma e Spirulina (adquiridas na feira da cidade), como pode ser visto na figura 3.

Figura 3 - Todas as plantas utilizadas nos testes.



Fonte: elaborado pela autora.

Foram repetidos os testes com a Buganville, agora com quatro camadas e exploradas outras cores dessa mesma espécie, devido à coloração interessante obtida anteriormente. Também foram feitos testes em papéis de cores diferentes (marfim, amarelo e laranja) e com a mistura de dois pigmentos. Os resultados de todos os testes podem ser visualizados na figura 4.

Figura 4 - Resultados dos testes.



Fonte: elaborado pela autora.

6 REVELANDO A ALMA DAS PLANTAS

O *Inventário Botânico Afetivo*, fruto desta investigação, materializa-se em um conjunto de imagens impressas através da técnica da Antotipia (figura 5), um processo que exalta a diversidade da vegetação do agreste pernambucano e, simultaneamente, documenta as ricas possibilidades expressivas inerentes a essa abordagem fotográfica alternativa.

Figura 5 - Resultados dos testes.



Fonte: elaborado pela autora.

A primeira planta escolhida foi a Baganvile, uma das espécies mais notáveis, muito presente em praças, parques e também no jardim do campus da UFPE, em Caruaru. Nativa do Nordeste e Sudeste brasileiros, além da Bolívia, Peru e Argentina, sua diversidade de cores, sempre muito vibrantes, foi o que mais despertou meu interesse. A possibilidade de obter diferentes tonalidades de pigmentos a partir de suas folhas não poderia ser descartada neste projeto. Dentre as várias possibilidades de cores, as escolhidas para este trabalho foram as folhas rosa, pois foram as que apresentaram resultados mais interessantes pela intensidade de cor do pigmento extraído. Uma das características mais intrigantes da Baganvile são suas brácteas coloridas, frequentemente confundidas com pétalas. Na verdade, essas são folhas modificadas que protegem três pequenas flores brancas.

A segunda planta escolhida foi a Rosinha-do-sol, que sempre passou despercebida aos meus olhos até o professor Clécio Lacerda me sugerir usá-la em meus testes. Vez ou outra, ele me via pegando algumas folhas e flores do jardim do campus de que cuida com tanto zelo. Um dia, tivemos a oportunidade de conversar um pouco, e eu pude explicar o que tanto fazia com as plantas que ele me via pegar. Foi então que ele me sugeriu a rosinha-do-sol. E o resultado foi surpreendente! A planta que mais gostei de trabalhar, suas folhas são macias e suculentas, facilitando a extração do pigmento. O tempo de exposição ao sol é bem mais curto em relação a outras espécies, e o tom de verde resultante é vívido. A textura granulada que fica na imagem foi a característica que mais gostei. Depois disso, notei que essa espécie cresce em abundância nas áreas de jardim do campus, e está presente em quase toda Av. Agamenon Magalhães, umas das avenidas principais da cidade de Caruaru.

A terceira espécie escolhida foi a Amora-preta. Eu já havia feito experimentos de Antotipia com amora durante o estágio no Fotolab e, até então, curiosamente, nunca tinha visto um pé de amora. Foi em um dos vários momentos de conversa com minha amiga Manu Santiago, no jardim do campus, que resolvemos colher algumas amoras para fazer testes. A seleção da amora foi uma escolha estética pela cor mesmo: o roxinho do pigmento no papel é lindo! Embora meus primeiros experimentos com ela não tenham dado certo, foi por insistência que consegui um resultado satisfatório. Essa foi uma das escolhas que me deu bastante trabalho: tive que disputar a disponibilidade da fruta com seus apreciadores. Embora eu precisasse de uma quantidade bem pouca da amora, haviam muitas pessoas que gostavam de comer as frutinhas nos intervalos das aulas.

A quarta planta escolhida foi a Perpétua-do-Brasil, ela despertou meu interesse enquanto eu passeava pelo Jardim Paulo Freire, no CAA, observando as plantas do local. Era fim de tarde e a luz amarelo-alaranjada do pôr do sol incidia sobre as folhas da perpétua, revelando um tom de rosa vibrante das folhas mais novas, enquanto as mais velhas exibiam uma variação de tonalidade de vermelho bordô e verde escuro. A princípio, não tive muitas expectativas, pois as folhas têm um aspecto áspero e seco. Deduzi que seria muito difícil extrair o pigmento, mas a cor intensa me fez insistir na ideia e o resultado foi melhor do que o esperado.

A quinta planta escolhida foi o Leiteiro-vermelho. Vi o leiteiro-vermelho pela primeira vez fazendo trilha no Parque Natural Serra dos Cavalos, na zona rural de Caruaru. Era impossível não notar a cor vermelho-acobreado de suas folhas, cintilando sob a luz do sol entre o verde das outras plantas. As folhas do leiteiro têm uma textura aveludada e, ao quebrar

seu caule, a planta libera uma seiva branca (daí seu nome) que pode ser venenosa e causar irritação na pele. Só descobri o motivo do desconforto nas mãos depois de colhê-la ao pesquisar mais sobre essa espécie. Essas características me levaram a escolhê-la, uma decisão da qual quase me arrependi: por ser uma planta alta, foi uma coleta bem difícil. Apesar de ter a expectativa de que seu pigmento resultasse num tom mais alaranjado, gostei bastante da tonalidade de vermelho-vinho que o resultado final apresentou.

A sexta escolha foi uma especiaria, a Cúrcuma, uma escolha estética, pensando na paleta de cores que as folhas do inventário teriam. Eu já conhecia seu incrível potencial e uso abundante na prática da Antotipia, embora nunca a tivesse utilizado. O resultado foi melhor do que o esperado: além do tom de amarelo ouro bem vívido, a cúrcuma deixou um cheiro muito agradável no papel. Foi bem fácil conseguir o pigmento, e a secagem no papel também foi bem rápida. Enquanto a experimentava para fazer Antotipia e pesquisava um pouco mais sobre essa especiaria, resolvi experimentá-la também na cozinha. Adorei o sabor! Só consigo elencar pontos positivos para a cúrcuma.

As sementes de Urucum foram a sétima escolha. Nativa da América tropical, a planta do urucum, cujo nome em tupi-guarani significa "vermelho", é reconhecida por suas sementes da mesma cor. Fui apresentada ao Urucum em uma das minhas idas ao jardim do campus para colher algumas plantinhas, com o objetivo de fazer meus primeiros experimentos de antotipia, ainda como estagiária do Fotolab. Eu já tinha visto a árvore do Urucum, mas não a conhecia. Foi quando um aluno do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na época, me viu pegando algumas folhas e teve a curiosidade de perguntar o que eu faria com elas — foi a oportunidade de explicar o porquê, vez ou outra, eu estava no jardim. Falei brevemente sobre Antotipia e ele, prontamente, me apresentou o pé de Urucum que há no jardim. Já faz alguns anos e, infelizmente, não me lembro mais como ele se chamava, mas também me falou brevemente sobre o uso do urucum na cultura indígena. Ele me mostrou o som de água que se faz ao passar os dedos levemente entre os espinhos moles da casca quando o fruto está maduro. Em seguida, abriu o urucum, revelando suas sementes vermelhas. O som que sai da casca é tão mágico quanto a cor única das sementes.

A última escolha foi a Spirulina, que embora seja popularmente conhecida como microalga, é na verdade, uma cianobactéria. Esse tipo de bactéria fotossintética produz energia a partir da luz solar e existe há cerca de 3,5 bilhões de anos, sendo um dos primeiros organismos a gerar oxigênio na Terra. A Spirulina foi outra escolha feita com a intenção de ter uma paleta de cores bem diversa. No entanto, ao contrário da cúrcuma, a Spirulina possui um

cheiro bastante desagradável. A diluição do pó para obter o pigmento não é nada prática, e o tempo de exposição necessário foi o mais longo de todos os resultados. Uma observação importante sobre o tempo de exposição ao sol é que, quando diluída em álcool, essa espera diminui consideravelmente. No entanto, eu buscava o tom de ciano que só é obtido quando a Spirulina é diluída em água.

Cada espécie botânica participa ativamente da criação do inventário, com suas características intrínsecas e suas interações particulares com a luz, revelam nuances cromáticas e texturas em seu próprio tempo, exibindo uma singularidade e um significado profundos. Essas especificidades, inerentes ao processo de antotipia com as plantas selecionadas, podem ser observadas na Figura 6.

Figura 6 - Tabela de anotações com quantidades, formas de extração dos pigmentos e tempo de exposição ao sol.

Espécies Botânicas	Quantidades e Partes Utilizadas	Forma de Extração do Pigmento	Camadas Aplicadas	Tempo de Exposição
Buganville-rosa <i>uma espécie de Bougainvillea</i> também conhecida como: Primavera, Três-marias, Flor-de-papel.	5g de folhas	Maceração das folhas em 20ml de álcool 54%	3	15h
Rosinha-do-sol <i>uma espécie de Mesembryanthemum</i> também conhecida como: Folha-de-coração, Aptenia, Maringá.	35g de folhas	Maceração das folhas em 20ml de álcool 54%	6	2h
Amora-preta <i>uma espécie de Amoreira</i> também conhecido como: Amora, Amoreira-negro.	18g de frutos	Maceração das frutas em 15ml de álcool 54%	4	22h
Perpetua-do-Brasil <i>uma espécie de Alternanthera</i> também conhecida como: Perpétua-do-mato, Sempre viva, Terramicina.	35g de folíolos	Maceração das folhas em 20ml de álcool 54%	6	15h
Leiteiro-vermelho <i>uma espécie de Euphorbia</i> também conhecido como: Árvore-de-cobre, Figueirinho-roxo, Borrabás.	14g de folhas	Maceração das folhas em 25ml de álcool 54%	4	36h
Cúrcuma <i>uma espécie de Curcuma</i> também conhecida como: Açafraão-da-terra, Raiz-de-sol Gengibre amarelo.	6g (1 colher de sopa) de raiz em pó	Diluição da raiz em pó em 20ml de água	5	15h
Urucum <i>uma espécie de bixa</i> também conhecida como: Urucu, Urucuzeiro, Urucueiro.	3g de sementes	Maceração das sementes em 15ml de álcool 54%	3	29h
Spirulina <i>uma espécie de Arthrospira Platensis</i> também conhecida como microalga.	1,5g (1 colher de chá) de spirulina em pó	Diluição da spirulina em pó em 7ml de água	5	30h

Fonte: elaborado pela autora.

7 A POESIA DE COLECIONAR O MUNDO

O termo "inventário" evoca, tradicionalmente, a organização metódica de bens e patrimônio. No entanto, no contexto deste projeto, ele ganha uma conotação poética, aproximando-se da ideia de colecionismo. Este último é uma prática social universalmente difundida, que encontra na coleção uma extensão do próprio colecionador. Um inventário é muito mais do que uma simples lista de objetos ou informações. Ao inventariar, o artista não

apenas cataloga, mas também organiza, seleciona e reinterpreta o material, conferindo-lhe um novo significado. O processo implica uma profunda imersão no material, permitindo estabelecer relações, construir narrativas e gerar novas ideias. Através do inventário, o artista revela suas escolhas, interesses e perspectivas, construindo uma identidade autoral que vai além da apresentação de informações (Cadôr, 2016).

Cada objeto, cada imagem, carrega consigo uma história, uma memória, um afeto, construindo narrativas que revelam a identidade de quem coleciona. Susan Sontag, em sua inspiradora obra *Sobre Fotografia*, nos convida a refletir sobre o ato fotográfico como uma forma de colecionar o mundo. Cada imagem capturada é um fragmento da realidade, que passa a integrar um acervo pessoal ou coletivo (Sontag, 2004).

A fotografia, quando abraçada como item de coleção, transcende a captura de instantes visuais, revelando-se como o resultado de um desejo de agregar um conjunto específico de imagens, guiado por lógicas e cenários próprios ao universo do colecionador, intrinsecamente privado e carregado de intenção. Se algumas peças colecionadas despertam um deleite estético e abrem portas para a aquisição de saberes históricos ou científicos, as fotografias, em sua essência, parecem ir além desse prazer sensorial. Elas se estabelecem como documentos vivos, veiculando em suas superfícies informações que atravessam as fronteiras do estético para alcançar as dimensões culturais, históricas e científicas (Ferraz, 2014).

8 A CONSTRUÇÃO DO INVENTÁRIO

A ideia de transformar os resultados desse estudo em formato de inventário foi inspirada no primeiro fotolivro da história, o catálogo de algas da botânica Anna Atkins, *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions*, publicado em 1843 e produzido inteiramente em cianotipia, uma outra técnica fotográfica histórica.

Após o período de testes, os resultados obtidos foram analisados, considerando aspectos como cores, textura e nitidez das imagens, para posteriormente selecionar as espécies que compõem o inventário. Para produzir as imagens finais, as plantas escolhidas foram digitalizadas² com a intenção de conferir um caráter de inventário à obra, mostrando a aparência real de cada planta utilizada e a cor de seus pigmentos. Após a digitalização, as

² Com exceção da antotipia feita com Spirulina, para a qual a imagem utilizada foi retirada do site <https://tomarnatural.pt/> com a devida autorização de uso, já que se trata de uma cianobactéria microscópica.

imagens foram editadas no aplicativo “Snapseed” para reduzir a saturação, aumentar o contraste e a nitidez, além de intensificar as áreas de preto. Estes são aspectos extremamente importantes e que interferem diretamente nos resultados desejados. As imagens digitalizadas foram impressas em papel vegetal e utilizadas como matrizes para a produção dos antótipos finais.

Posteriormente, foi realizada uma busca por referências visuais de outros trabalhos que utilizassem elementos naturais em suas composições e dialogassem, de alguma forma, com a ideia deste projeto (figura 7). Entre tantos, destacamos o fotolivro *Herança entre Tons*, de Vanessa Karol Silva (2019), um importante projeto produzido dentro do Fotolab que utiliza a antotipia para retratar, de forma delicada e afetiva, a feira de flores da cidade de Caruaru. Esta etapa foi fundamental para a definição do projeto editorial do inventário. Em seguida, foi feito levantamento de informações sobre cada espécie selecionada para compor o inventário, considerando aspectos como sua localização de origem, contexto histórico e usos culturais. Essas informações foram adicionadas às páginas do inventário, juntamente com a antotipia correspondente a cada espécie e detalhes do processo para produzir a imagem com aquele pigmento, incluindo a parte da planta utilizada, a quantidade, a forma de extração e o tempo de exposição ao sol. Desta forma, os leitores podem conhecer um pouco mais sobre cada espécie presente no inventário e, se desejarem, produzir suas próprias imagens em Antotipias, tendo uma noção básica do processo.

Figura 7 - Painel de trabalhos editoriais que inspiraram o formato de publicação do inventário.

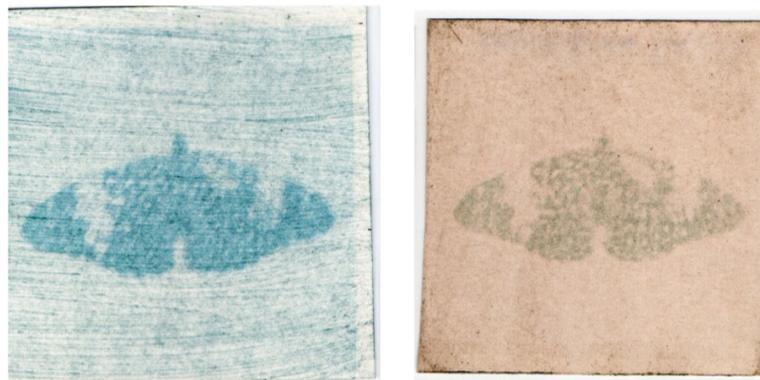


Fonte: elaborado pela autora.

O período de produção das últimas Antotipias se estendeu de final de outubro a todo o mês de novembro de 2024, próximo ao final da primavera e com as mudanças climáticas características da região Agreste de Pernambuco, algumas espécies, como a Amora-Preta, já não estavam em seu período frutífero, enquanto outras, como o Leiteiro-Vermelho, apresentaram folhagem escassa devido ao clima. Essa adversidade, porém, foi fundamental para compreender melhor o processo de produção de Antotipias, revelando como, em um curto período de tempo, o clima pode afetar significativamente a disponibilidade de recursos (em setembro de 2024, quando iniciei os testes, a abundância era evidente).

O clima e o solo da região onde a planta cresce, a sazonalidade das espécies, a forma de extração dos pigmentos, o tipo de papel utilizado como suporte e a matriz utilizada para a impressão fotográfica são fatores cruciais, pois interferem diretamente nos resultados finais. No entanto, esses fatores não devem ser vistos como barreiras, mas sim como elementos que compõem o processo artístico. A Spirulina, por exemplo, quando diluída em água, apresenta uma tonalidade azul levemente esverdeada após a exposição ao sol, enquanto, quando diluída em álcool, adquire um tom de verde escuro (figura 8). O Leiteiro-Vermelho, por sua vez, apresentou uma tonalidade de roxo escuro quando colhido em setembro, mas em novembro, o tom obtido foi entre o vinho e o bordô (figura 9).

Figura 8 - Antotipias com Spirulina diluída em água e em álcool respectivamente.



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 9 - Antotípias com Leiteiro-Vermelho colhidas em setembro e em novembro respectivamente.



Fonte: elaborado pela autora.

Percebemos que o fazer antotípico pode ser interpretado como um modo de escuta da matéria. Segundo Tim Ingold (2013), a prática artesanal se dá em co-agência com os materiais, que não são passivos, mas participam do processo criativo. Assim, o tempo de exposição ao sol, a qualidade da flor, a absorção do papel tudo isso se torna parte de uma ecologia estética que resiste à lógica do controle e da previsibilidade.

O *Inventário Botânico Afetivo*³, resultado desta pesquisa (Figura 10), foi apresentado aos alunos da UFPE, campus Agreste, em uma roda de conversa durante a Expo BICC CAA e na Ciranda Fotográfica na 10ª edição do Pequeno Encontro da Fotografia. Em ambas as ocasiões, foram discutidas as etapas do projeto, as dificuldades enfrentadas e as soluções encontradas. O público demonstrou grande interesse nos resultados, evidenciando a importância de explorar uma técnica pouco conhecida e de mostrar como é possível utilizar recursos naturais acessíveis e alternativas de baixo impacto ambiental em produções fotográficas.

³ Versão digitalizada disponível em:

https://fliphtml5.com/Biccufpe/jtlu/?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAafbw0O-Ndrmtys-QAhWYfJP-DM88PRgI8i5OSSDqAOsaTg_hbNxHCp4HoRFA_aem_xvq1xn7WqJB9jT4L9ggIw

Figura 10 - 1- capa do inventário. 2 - livro visto de cima. 3 e 4 - páginas do inventário que falam sobre a Cúrcuma.



Fonte: elaborado pela autora.

9 CONCLUSÃO

Em um contexto marcado pela crescente preocupação com as questões ambientais, este projeto se apresenta como uma alternativa inovadora para a produção de imagens fotográficas, utilizando recursos naturais e minimizando o impacto no meio ambiente. Acreditamos que este projeto contribui para o resgate e a valorização de uma técnica fotográfica ancestral, ao mesmo tempo em que nos convida a refletir sobre a importância de adotar práticas mais sustentáveis na produção artística.

Os resultados obtidos evidenciam o potencial da Antotipia como ferramenta para a valorização da flora local e a promoção de uma fotografia mais sustentável e consciente. Ao longo do processo, foi possível perceber como cada espécie vegetal, com suas particularidades e reações à luz, contribui para a construção de um acervo visual singular e repleto de significado.

Além do valor estético e artístico, o projeto destaca a importância de desacelerar o processo criativo e estabelecer uma profunda conexão com a natureza. A Antotipia, ao exigir paciência e atenção aos detalhes, nos convida a observar a natureza de forma mais atenta e a apreciar a beleza das pequenas nuances. Diante disso, é possível pensar a Antotipia não apenas como uma recuperação histórica, mas como uma forma de insurgência poética que tensiona os modos hegemônicos de ver e produzir imagens. Como sugere Georges Didi-Huberman (2004), há potência política nos gestos que desorganizam o visível e permitem o surgimento de outras formas de presença na imagem. A antotipia, com sua lentidão, suas falhas e seus rastros botânicos, opera justamente nesse regime de subversão sensível.

Espera-se, assim, que o *Inventário Botânico Afetivo* inspire outros artistas, pesquisadores e amantes da natureza a explorar o potencial da técnica e a cultivar um olhar mais atento e sensível para o mundo que nos cerca.

Ao final da produção deste artigo, algumas Antotípias do inventário desapareceram com o tempo, um fenômeno que ecoa o destino das plantas que antes adornavam a principal avenida da cidade. Estas foram removidas dos canteiros, sob a justificativa da gestão atual para a construção de uma pista de corrida. Tais ocorrências sublinham a sensibilidade e o ritmo intrínseco da natureza, bem como a nossa limitada capacidade de controle sobre a forma como a vida flui.

REFERÊNCIAS

- Almeida, Bárbara L. Curso de Antotipia: Nível Avançado. Google Meet, de 29 a 31 de agosto de 2024 (informação verbal).
- Cadôr, Amir Brito. O livro de artista e a enciclopédia visual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- Dias, Belidson; Irwin, Rita L. Pesquisa educacional baseada em arte. 2. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2023.
- Dido-Huberman, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.
- Fabbri, Malin. Anthotypes - Explore the Darkroom in Your Garden and Make Photographs Using Plants. [S.l.]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012.
- Ferraz, Rosane Carmanini. Entre usos e funções: a prática do colecionismo de fotografias no século XIX e sua difusão no Brasil Imperial. v. 10, p. 183–198, 2014.
- Ingold, Tim. Fazer: Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. São Paulo: Vozes, 2013.
- James, Christopher. The Book of Alternative Photographic Processes. 3º edição. Boston: Cengage Learning, 2015.
- Lima, Cláudia de Andrade. Goma Bicromatada: uma alternativa visual possível para projetos de design gráfico. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2017.
- Silva, Vanessa Karol da. Herança entre tons: fotolivro revelado por meio de antotipia. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.
- Sontag, Susan. Sobre Fotografia. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Sugasti, Aurora Narmada. ANTOTIPIA: Pesquisa e Produção em Processos Fotográficos Histórico-Alternativos. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes) - Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

KAROLYNE SANTIAGO FARIAS

INVENTÁRIO BOTÂNICO AFETIVO: reflexões a partir da produção de antotipia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovado em: 12/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Daniela Nery Bracchi (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Amanda Mansur Custódio Nogueira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Juliana Andrade Leitão (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco